

Esther Vilari

O
HOMEM
Domado



NORDICA

ÍNDICE

A felicidade do escravo	4
O que é o homem	7
O que é a mulher	12
O horizonte feminino	17
O sexo mais belo	21
O universo é masculino	25
A estupidez da mulher faz dela uma santa	30
Atos de amesração	33
Amesração por auto-humilhação	37
Um dicionário	42
As mulheres são pobres de sentimento	45
Sexo como recompensa	48
A libido feminina	54
Amesração por <i>bluff</i>	58
Orações comercializadas	63
Auto-amesração	67
Crianças como reféns	72
Os vícios das mulheres	78
A máscara da feminilidade	84
Mundo profissional como coutada de caça	90
A mulher “emancipada”	94
O que é o amor	99

Este livro é dedicado
Àqueles de que nele não são mencionados:
aos poucos homens que não se deixam domar
e às poucas mulheres que não se vendem.
E também, aos felizes
sem valor no mercado,
por que são velhos, feios ou doentes mentais.
E.V.

A FELICIDADE DO ESCRAVO

O MG *Sport* amarelo-limão derrapa. A jovem ao volante consegue dominá-lo a custo, ziguezagueando até parar. Sai e descobre que o pneu dianteiro da esquerda, está furado.

Sem perda de tempo, ela procura providenciar a reparação: Olha para os carros que passam, como se esperasse alguém. A este sinal internacionalmente reconhecido de abandono feminino (“mulher fraca depende da técnica masculina”) logo pára uma Kombi. O motorista descobre imediatamente o que há para fazer e diz para a confortar: “Isso a gente faz num instante”. E para confirmar sua decisão, pede à mulher para lhe dar o macaco. Não lhe pergunta se ela mesma poderá trocar o pneu porque sabe – sua aparência é a de uma mulher de trinta, bem vestida e maquilada – que ela não pode. Como ela não consegue encontrar o macaco, ela acaba por ir buscar o seu e traz logo o resto da ferramenta. Em cinco minutos o serviço fica pronto e o pneu furado, posto direitinho no seu devido lugar. As mãos dele estão sujas de óleo. E quando a jovem lhe estende um lenço bordado, ele o recusa delicadamente. Para tais ocasiões sempre tem um trapo velho na sua caixa de ferramentas. A mulher agradece-lhe efusivamente e

desculpa-se, por sua incompetência “tipicamente feminina”. Se não fosse ele, disse, ela teria ficado, até a noite naquele lugar.

Ele não responde, mas depois dela se sentar, fecha gentilmente a porta do carro e dá-lhe, enquanto o vidro da janela desce, um último conselho, o de mandar reparar quanto antes a câmara de ar furada. Ela declara que nesse mesmo dia irá dar as necessárias instruções ao borracheiro. E parte.

Enquanto arruma a ferramenta e, sozinho, volta para o carro, o homem lamenta não poder lavar as mãos. Também os seus sapatos que estão na troca do pneu se enterraram na lama, já não estão limpos como seria necessário para o seu tipo de trabalho: é vendedor. Caso queira alcançar ainda o seu próximo cliente, terá de se apressar. Liga o motor. “Essas mulheres – pensa ele – são uma mais burra que a outra”. E pergunta a si próprio, a sério, o que ela teria feito se ele não tivesse chegado logo. Conduz, bem contra o seu hábito, a uma velocidade perigosa, a fim de recuperar o atraso. Dali a pouco ele começa baixinho a cantarolar. De certa forma, sente-se feliz.

Na mesma situação, a maioria dos homens teria agido da mesma maneira. A maioria das mulheres também. A mulher deixa o homem – pelo simples fato de que ele é um homem e ela, algo muito diferente, quer dizer uma mulher – deixa-o inescrupulosamente trabalhar por ela, sempre que a oportunidade se apresenta. Seu espírito empreendedor não vai além de esperar a ajuda do homem, já que também não aprendeu mais: em caso de enguiço no carro encarrega-se o homem da reparação. O homem, pelo contrário, se dispõe a prestar um serviço rápido, eficiente e gratuito a uma pessoa para ele completamente estranha. Arruína a sua roupa. Põe em perigo o resultado de um eventual negócio. Arrisca-se, finalmente, conduzindo a uma velocidade exagerada. E para além da troca do pneu poderia ter remediado uma dúzia de outros defeitos no carro. E tê-lo-ia feito, pois, para isso aprendeu. Afinal, por que razão terá a mulher de se ocupar com reparações desse tipo se a metade da humanidade, isto é, os homens, podem fazê-lo tão bem e ainda por cima sempre está pronto a colocar o seu saber à disposição da outra metade?

As mulheres deixam os homens trabalhar por elas, por elas pensar e tomar as responsabilidades. As mulheres exploram os homens. Mas os homens são fortes, inteligentes, imaginativos. As mulheres, fracas estúpidas e sem imaginação. Então, por que motivo são os homens explorados pelas mulheres e não o contrário?

Serão, na realidade, a força, a inteligência e a imaginação as condições prévias para o poder ou para a escravidão? Deverá o mundo ser dirigido pelo saber ou, antes, pelos que não servem para nada, isto é, as mulheres? E se assim é, como é que as mulheres conseguem que as suas vítimas não se sintam enganadas e humilhadas e se julguem, antes pelo contrário, como grandes senhores que é o que são menos? Como é que as mulheres dão aos homens essa sensação de felicidade, ao trabalhar pra elas, essa

consciência de orgulho e de superioridade que sempre os estimulam à prestação de serviços cada vez maiores?

Por que não são desmascaradas?

O QUE É O HOMEM

O que é o homem? O homem é uma pessoa que trabalha. Com o trabalho sustenta-se a si próprio, a sua mulher e os filhos da sua mulher. A mulher, em contrapartida, é uma pessoa que não trabalha ou só trabalha temporariamente. Durante a maior parte da sua vida, ela não se sustenta, nem sustenta os filhos e muito menos o marido.

A todas as qualidades do homem, das quais a mulher se aproveita, ela chama virtudes *masculinas*. E a todas aquela que lhe não servem, nem, aliás, servem a ninguém, ela dá o nome de qualidades *femininas*. Por isso, os aspetos externos do homem que fazem sucesso perante a mulher são apenas os *maculos*, quer dizer, os que estão sintonizados com a finalidade máxima da sua vida – o trabalho. E devem estar de tal forma dimensionados que, sejam quais forem as tarefas propostas, ele sempre conseguirá realizá-las.

Exceto à noite, altura em que a maioria põe pijama com listras coloridas e até quatro bolsos, os homens sempre andam vestidos com uma espécie de uniforme, cinza marrom, feito de material resistente e nas cores que disfarçam a sujeira. Esse uniforme ou “costume”, como é designado, tem no mínimo dez bolsos nos quais o homem coloca –

para as ter sempre bem à mão – todas as ferramentas de que precisa para o seu trabalho (a roupa da mulher nada faz, não tem bolsos alguns, nem de dia, nem de noite).

Em reuniões sociais permite-se ao homem que vista trajes na cor mais sensível como é preto, pois aí o perigo de se sujarem não é tão grande, e, além disso, os vestidos femininos exuberantes de cor ganham maior realce no contraste. Apesar disso, são bem vistos os homens com trajes de sociedade verdes ou vermelhos, encontrados ocasionalmente, pois contribuem para dar um aspecto ainda mais masculino aos verdadeiros homens presentes.

Também quando aos demais aspectos externos, o homem adaptou-se à sua situação. Usa o cabelo curto de forma a bastar-lhe um quarto de hora todas as duas ou três semanas para ir cortá-lo. Caracóis, ondas ou manchas não são desejáveis, só o estorvariam no trabalho que tem que ser exercido ao ar livre com uma certa frequência. E mesmo se os usasse e lhe ficassem bem não aumentariam certamente o seu sucesso perante as mulheres, porque as mulheres – ao contrário do que sucede com os homens em relação a elas – nunca os julgam sob o ponto de vista estético. Os homens que ostentam temporariamente cortes bem pessoais chegam por si próprios a essa conclusão pouco depois de regressarem a uma das duas ou três variantes do penteado masculino *standard*, curto ou longo. O mesmo acontece com os barbudos. Só hipersensíveis – na maioria dos casos, homens mais ou menos intelectuais que pretendem dar a impressão de robustez espiritual apresentando uma riqueza desmesurada de barba – usam durante muito tempo uma barba inteira. Como isso é uma indicação importante quanto à sua constituição e, por conseguinte, quando ao modo especial do seu aproveitamento possível, a barba é tolerada pelas mulheres, nesses casos, como sinal útil de reconhecimento (mostra a que nível se deixam esses homens explorar com mais facilidade, ou seja, no trabalho neurótico de intelectuais).

Entretanto, geralmente, o homem usa todas as manhãs, durante três minutos, uma máquina de barbear elétrica para obstar ao crescimento da sua barba, e, para tratar da pele, bastam-lhe água e sabão, pois ao seu rosto nada mais se exige do que estar limpo e sem pinturas, de modo a ser fácil o controle por qualquer pessoa. Falta mencionar as unhas das mãos dos homens: devem ser, tendo em vista o trabalho, tão curtas quanto possível.

Um homem másculo não usa jóias – a não ser a aliança de casamento, o que demonstra que já é explorado de determinada maneira por determinada mulher. O relógio grande e pesado no seu pulso – impermeável, inquebrável e indicando a data – é tudo menos um objeto de luxo. Muitas vezes é-lhe oferecido pela mulher para a qual trabalha.

Roupa interior, camisas e meias são de tal modo uniformes que de homem para homem se distinguem, quando muito, no que se refere ao tamanho. Podem-se comprar em qualquer loja, para poupar tempo. Apenas quanto à escolha das gravatas teria o

homem uma certa liberdade, mas como não está habituado à liberdade, qualquer que seja a forma por esta assumida, deixa a escolha para a mulher – o mesmo se passa, de resto, quando às outras peças de roupa.

Por muito se assemelham no seu aspecto exterior, um observador de uma estrela desconhecida seria levado a admitir que os homens têm empenho em serem iguais como dois ovos. É muito diferente, no entanto, a maneira como põem à prova a sua masculinidade, ou seja, a sua utilidade possível para as aspirações das mulheres. Têm mesmo que ser diferentes: como as mulheres praticamente não trabalham, os homens são necessários para tudo.

Existem homens que, às oito da manhã, tiram da garagem com todo o cuidado o seu carrão. Outros vão para o emprego uma hora antes mais cedo num carro de classe média, e há ainda aqueles que, quando ainda faz noite, com uma pasta debaixo do braço, em que levam um agasalho e o pequeno almoço, se dirigem para o ônibus, o trem ou o metrô que os levam ao canteiro de obras ou à fábrica onde trabalham. É um destino cruel o deste grupo de homens, os mais pobres deles todos, pois ainda por cima são explorados pelas mulheres menos atraentes. Dado que as mulheres só se interessam, quando aos homens, por dinheiro, e a estes só interessa a aparência delas, as mulheres mais desejáveis do seu meio são-lhes tiradas pelos homens que mais ganham.

É completamente indiferente o modo como determinado homem possa passar o dia, algo tem ele de comum com todos os outros: passa-o de maneira humilhante. E não o faz para si próprio, para conservação da sua vida própria vida – para isso bastaria um esforço muito menor (de resto os homens dão pouco valor ao luxo). Se humilha para os outros e fica infinitamente orgulhoso de o fazer. Na mesa de trabalho, tem as fotografias da mulher e dos filhos e mostra-as sempre que se lhe depara uma oportunidade.

Seja o que for que o homem faça quando trabalha – quer table números, cure doentes, conduza um ônibus ou dirija uma firma – a todo o momento é parte de um sistema gigantesco e desapiadado estabelecido única e exclusivamente para a sua máxima exploração e fica entregue a esse sistema até o fim de sua vida.

Será interessante tabelar números e comparar somas com outras somas – mas por quanto tempo? Uma vida inteira? Certamente que não. Talvez seja uma sensação fantástica conduzir um ônibus através da cidade, mas que acontece quando se trata dia após dia e ano após ano do mesmo ônibus no mesmo percurso da mesma cidade? E é certamente excitante exercer influência sobre as muitas pessoas que trabalham numa firma grande. Mas até que ponto, quando se descobre que se é mais prisioneiro do que chefe?

Ainda jogamos hoje os mesmos jogos da nossa infância? Claro que não. E mesmo, enquanto crianças, não tínhamos sempre as mesmas brincadeiras, brincávamos até nos apetecer. O homem é, porém, como uma criança que tivesse de jogar sempre o mesmo jogo. O motivo é evidente: logo que ele é elogiado por uma das suas brincadeiras mais

do que pelas outras, especializa-se mais tarde nessa e fica condenada a ela uma vida inteira porque é “hábil” para isso e é como isso que pode ganhar mais dinheiro. Se na escola era bom em matemática, passará a vida à volta de contas – como contador, matemático, programador – pois aí reside o seu máximo rendimento. Fará contas, listas de números, alimentará máquinas, mas nunca poderá dizer: “Pronto, estou farto, vou procurar outra coisa”. A mulher que o explora, não permitirá *mesmo* que ele procure outra coisa. Incitado por essa mulher, talvez suba na hierarquia dos estatísticos. Em lutas de morte, chegará porventura a procurador ou diretor de banco. Mas o preço que paga pelo seu salário não será tanto quando demasiado alto?

Um homem que altera o seu modo de vida – portanto, a sua profissão, já que viver significa para ele trabalhar – é tido na conta de merecedor de pouca confiança. Se muda diversas vezes de emprego, é expulso da sociedade e fica só. Pois a sociedade são as mulheres.

O medo de tal conseqüência deve ser notável: se ele não existisse, seria possível que um médico (que em rapaz gostava de brincar com girinos e tubos de análise) passasse a vida inteira a cortar obsessos repugnantes a analisar excrescências humanas de toda a espécie e a dar-se noite e dia com seres humanos cujo aspecto dá vontade de fugir às outras pessoas? E um pianista que não era mais que um garoto que gostava de tocar música, tocaria ele pela milésima vez aquele *Nocturno* de Chopin? E um político, que em tempos idos descobriria por acaso, no pátio da escola, uma mão cheia de truques para conduzir homens e que os sabia utilizar com sucesso, pronunciaria ele na idade adulta e durante dezenas de anos, todas essas frases que nada dizem, no papel de um qualquer partidário obediente e subalterno, faria ele todas essas caretas e suportaria ele o palavreado terrível dos seus concorrentes, igualmente subalternos? Ele sonhou uma vez com uma outra vida! E ainda que na seqüência desse caminho se tornasse Presidente dos Estado Unidos da América, não terá pago por esse cargo um pouquinho demais?

Não, dificilmente se admite que os homens façam tudo o que fazem sem o mínimo desejo de mudança. Fazem-no porque para tal são amestrados: toda a sua vida nada mais é do que uma desconsolada seqüência de habilidades de circo. Homem que não consiga mais executar essas habilidades, que ganhe menos dinheiro, “falhou” e perde tudo: a mulher, a família, o lar, o sentido da sua vida – toda e qualquer segurança.

Evidentemente que também se poderia dizer: um homem que já não ganhe dinheiro suficiente está automaticamente livre e poder-se-á alegrar com esse *happy-end*. Mas o homem não quer ser livre. Funciona, como veremos ainda, segundo o modelo *prazer na falta de liberdade*. Liberdade perpétua seria para ele ainda pior que escravidão perpétua.

Ou formulado de outra maneira: o homem procura sempre alguém ou alguma coisa, a quem se possa oferecer como escravo visto que só como escravo é que ele se sente seguro – e a sua escolha recai, na maioria dos casos, sobre a mulher. Mas quem é ou o

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

